



XI CONGRESSO DA SOCIEDADE PAULISTA DE PARASITOLOGIA

“Parasitologia Translacional: Da Pesquisa Básica a Saúde Pública”
10 a 12 de abril de 2026 – São Paulo (SP)

“O QUE É UM PARASITO?” SABERES LOCAIS E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO PARASITISMO INFANTIL AMAZÔNICO

Raquel dos Santos Lima^{1*}; Alice Colucci¹; Izabela Padua¹; Tatiana Ravache¹; Marcelo Andreetta Corral¹

¹Faculdade de Medicina, Universidade Santo Amaro, UNISA- São Paulo, SP

* Autor correspondente: limasraquel04@gmail.com

As parasitoses intestinais permanecem como importantes marcadores de iniquidades sociais em contextos de vulnerabilidade, especialmente entre populações infantis de comunidades ribeirinhas da Amazônia. Embora tradicionalmente descritas sob a ótica biomédica como infecções causadas por protozoários e helmintos, essas condições também são atravessadas por dimensões simbólicas, culturais e sociais que influenciam sua nomeação, reconhecimento e enfrentamento. Nesse sentido, a noção de “parasito” ultrapassa a definição estritamente biológica e configura-se como uma categoria socialmente construída, moldada por experiências cotidianas, práticas de cuidado e saberes locais. Compreender esse conceito a partir da perspectiva de responsáveis por crianças em idade escolar constitui eixo estratégico para o letramento em saúde e para a elaboração de ações educativas territorializadas e culturalmente sensíveis. O estudo teve como objetivo analisar as percepções e significados atribuídos às parasitoses intestinais por cuidadores de crianças da comunidade ribeirinha de Caiçauá, no norte do Pará, explorando a extensão universitária como espaço de diálogo entre saberes biomédicos e conhecimentos locais. Trata-se de pesquisa qualitativa, desenvolvida no âmbito do Projeto Par(á) Vida. Participaram responsáveis legais por crianças em fase de alfabetização, cujas narrativas, obtidas por meio de entrevistas, foram submetidas à análise descritiva e interpretativa. Emergiram três eixos centrais: (1) associação do “parasito” a sinais e sintomas visíveis no corpo infantil; (2) relação entre parasitismo, alimentação e condições ambientais; e (3) transmissão intergeracional de explicações empíricas. Definições como “verme que dá na barriga” revelam compreensão orientada pelos efeitos corporais mais do que pela etiologia. A associação com “bactérias” indica apropriação parcial do discurso científico, evidenciando sobreposição de categorias biomédicas. A recorrência de “lombriga” como referência paradigmática e expressões como “bicho ruim” ou “coisa nojenta” revelam dimensões morais e simbólicas vinculadas a práticas cotidianas de contaminação. Os resultados demonstram que o conceito de “parasito” é construído de forma híbrida, articulando saberes científicos e experiências socioculturais. Tal achado reforça a importância de ações extensionistas dialógicas e estratégias de letramento em saúde que reconheçam e integrem os saberes locais na promoção do cuidado infantil.

Palavras-chave: Parasitoses intestinais; Letramento em saúde; Extensão universitária.